

Saúde sexual e saúde reprodutiva, gênero e masculinidades: enriquecendo o debate sobre saúde em sala de aula

Mônica de Castro Britto Vilardo¹

Resumo: A educação em saúde pode se dar em diferentes espaços formais e não formais, porém, é na escola, que a população mais jovem encontra maior acesso às informações e conhecimentos científicos da área da saúde. A saúde sexual e a saúde reprodutiva são dimensões importantes da saúde humana e como tal, precisam ser entendidas e incorporadas nas ações de promoção à saúde, especialmente para adolescentes e jovens, de modo a fortalecer a auto-estima, a responsabilidade, o cuidado com o corpo e o respeito mútuo. Esse artigo traz o relato de uma atividade didática desenvolvida a partir da exibição do documentário “O Silêncio dos Homens”, durante as aulas de Biologia, que muito favoreceu a discussão sobre as dimensões da saúde, articulada às questões de sexualidade, gênero e masculinidades.

Palavras-chave: Saúde sexual, saúde reprodutiva, sexualidade, gênero, masculinidades.

1 Mestre em Ciências pelo IOC/FIOCRUZ. Professora de Biologia no CEFET/RJ. monica.vilardo@cefet-rj.br

Introdução

Na abordagem da temática saúde os currículos de Ciências e Biologia trabalham tradicionalmente o corpo humano, o metabolismo e a fisiologia de seus órgãos, bem como as principais doenças relacionadas a eles. Porém, assumindo o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) de “um estado de completo bem estar físico, mental e social”, a abordagem deve se ampliar consideravelmente, necessitando extrapolar os limites do corpo e conectar conhecimentos produzidos em várias áreas do conhecimento.

Do campo das ciências em saúde advém o termo educação em saúde, que traz em si o desafio de promover uma aprendizagem que seja reflexiva, capacitando os cidadãos a avaliarem seu estilo de vida, os hábitos e as atitudes que não contribuem para a manutenção da saúde, como descrito em Machado *et al* (2007)

“Destaca-se a educação em saúde, como estratégia de promoção à saúde neste processo de conscientização individual e coletiva de responsabilidades e de direitos à saúde, estimulando ações que atendam aos princípios do SUS. A partir deste enfoque, eleger estratégias didáticas que conduzam a uma transformação dos indivíduos socialmente inseridos no mundo, ampliando sua capacidade de compreensão da complexidade dos determinantes de ser saudável. (Machado *et al*, 2007, p.339).

Tomando a definição ampla de Educação em saúde como “qualquer atividade, relacionada com aprendizagem, desenhada para alcançar saúde” (Tones e Tilford, 1994 apud Buss, 1999), entendemos que a escola também deve assumir essa responsabilidade, desenvolvendo práticas educativas devem levar em conta fatores determinantes do comportamento humano, sejam eles biológicos, psicológicos, sociais e culturais, ressaltando também que os cuidados com a saúde individual precisam estar amparados por estratégias de promoção à saúde global, por meio de políticas públicas e serviços de saúde favoráveis (Buss, 1999).

No tocante às políticas públicas, destacamos a portaria do Ministério da Saúde que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2017a). Neste documento encontra-se uma seção destinada às políticas de saúde para os diferentes segmentos populacionais, onde incluem-se dez grupos, dentre eles, os adolescentes e jovens, as mulheres, os homens, os idosos e as pessoas com deficiência. Uma outra seção que merece ser destacada é a que trata da equidade em saúde,

onde incluem-se, por exemplo, as políticas de atenção à população negra e à população LGBTQT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

A saúde sexual e reprodutiva na atenção integral à saúde de adolescentes e jovens.

Adolescentes e jovens já são reconhecidos juridicamente como sujeitos sociais e de direitos, o que estabelece que família, sociedade e Estado assumam deveres diferenciados para esses indivíduos que, por estarem em situação de desenvolvimento, requerem políticas e cultura de proteção (Brasil, 2017b). Um dos direitos protetivos fundamentais é o da saúde, porém, visto que esse grupo populacional passa por importantes transformações biológicas e emocionais, que envolve também a construção de suas identidades, novas formas de produzir saúde são exigidas, de modo a considerar os diversos contextos de vida que os tornam vulneráveis a diferentes agravos de saúde (Brasil, 2017b).

Um dos eixos estruturantes da política de atenção integral é a promoção da saúde e prevenção de agravos, que objetiva proporcionar meios para que os adolescentes e jovens melhorem sua saúde e exerçam um maior controle sobre ela. A promoção da saúde atua em várias linhas de ação considerando os projetos de vida e as dimensões sócio-culturais que envolvem os adolescentes e jovens (Brasil, 2017b). Nesse relato de experiência docente, ressaltamos uma dessas linhas de ação - a saúde sexual e a saúde reprodutiva- por considerar importante ampliar o conhecimento sobre essa dimensão da saúde, uma vez que ainda presenciamos tantas pessoas se escandalizarem e questionarem a abordagem de sexualidade e reprodução nos currículos escolares, não havendo a compreensão de sua indissociabilidade com a saúde.

A saúde sexual e a saúde reprodutiva começam a ganhar notoriedade especialmente a partir da década de 90, pelas discussões geradas a partir da IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento, em Cairo, 1994 e da Conferência Internacional da Mulher, em Pequim, 1995. O reconhecimento dos direitos sexuais e direitos reprodutivos como parte do conjunto dos direitos humanos é um dos frutos importantes gerados por essas conferências. Outro desdobramento importante foi a separação dos termos saúde sexual e reprodutiva que, embora se associem, deixa implícita a separação entre reprodução e sexualidade, reforçando que a saúde sexual está associada "a melhoria da qualidade de vida e das relações pessoais e não o mero aconselhamento e assistência relativos à

reprodução e às doenças sexualmente transmissíveis” (Brasil, 2007). Assim, a partir das conferências de Cairo e Pequim, a saúde sexual passa a ser compreendida como:

“Saúde sexual é a habilidade de mulheres e homens para desfrutar e expressar sua sexualidade, sem risco de doenças sexualmente transmissíveis, gestações não desejadas, coerção, violência e discriminação. A saúde sexual possibilita experimentar uma vida sexual informada, agradável e segura, baseada na auto-estima, que implica numa abordagem positiva da sexualidade humana e no respeito mútuo nas relações sexuais.” (Brasil, 2007, p.37).

Já o termo saúde reprodutiva, adotado pela OMS em 1988, é definido como:

“A saúde reprodutiva é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não de mera ausência de doença ou enfermidade, em todos os aspectos relacionados ao sistema reprodutivo, suas funções e processos.”(Brasil, 2007, p.34).

A saúde sexual implica, antes de tudo, em uma abordagem positiva da sexualidade, entendendo-a como uma dimensão da vida e da própria saúde dos indivíduos. A sexualidade envolve o “corpo, os sentimentos, a história de vida, os costumes, as relações afetivas e a cultura”, estando presente do nascimento à morte, em homens e mulheres (Brasil, 2013). Essa forma de encarar a sexualidade contribui para o fortalecimento da auto-estima e para o desenvolvimento dos adolescentes e jovens, tanto nos aspectos biológicos, como também enquanto sujeitos sociais.

Embora se reconheça que a sexualidade não se remete apenas à reprodução, é na adolescência que essa dimensão passa a se tornar realidade, junto a todas as transformações biológicas, psicoemocionais e sociais. Por essa razão, torna ainda mais importante o conhecimento do corpo, das emoções, das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e dos métodos contraceptivos, a fim de que possam fazer as escolhas mais acertadas que favoreçam a expressão da sexualidade sem comprometer a saúde (Brasil, 2013).

A sexualidade humana também reflete uma dimensão histórica, cultural e social, marcada por mudanças ao longo do tempo e permeada pelas questões de gênero, que se referem à construção histórico social dos sexos,

isto é, o que cada cultura preconiza ser do universo masculino ou do feminino. Se no passado havia uma ênfase em um tratamento igualitário entre os sexos no tocante à saúde, na atualidade, desenvolvem-se políticas de atenção integral para variados grupos populacionais, dentre eles, os homens, as mulheres, os idosos, os LGBTT, assumindo que cada um carrega particularidades a serem consideradas (Brasil, 2017b).

No que diz respeito ao gênero, torna-se relevante problematizar a relação de masculinidade(s) e saúde do homem, já que é a partir da adolescência que diferenciação social entre os gêneros passa a comprometer mais diretamente a saúde. O modelo hegemônico de masculinidade que atribui força física inabalável aos homens e, por conseguinte, uma menor propensão a problemas de saúde, leva a um quadro socialmente construído de que a prevenção e o cuidado com a saúde são atributos particulares das mulheres (Separavich e Canesqui, 2013). Sem falar que a concebida “força física” não explica a maior mortalidade de homens quando se trata de doenças evitáveis, como são a maioria dos tipos de cânceres (Abreu, César e França, 2009).

A utilização do documentário “O Silêncio dos Homens” como atividade didática no contexto da saúde, sexualidade e gênero.

A experiência aqui relatada foi desenvolvida em uma turma de 3º ano do Curso Técnico Integrado em Mecânica, do CEFET/RJ, durante as aulas de Biologia do 2º semestre de 2019. A disciplina de Biologia tem uma estrutura curricular organizada a partir de núcleos temáticos e para essa turma, o tema central do ano era “saúde”, sendo que, no segundo semestre o subtema era “reprodução e sexualidade”. Uma particularidade, entretanto, contribuiu bastante para a seleção do documentário como uma das atividades didáticas desenvolvidas no semestre: a turma do curso de Mecânica era predominantemente masculina, tendo 24 alunos e somente 2 alunas.

O conceito de saúde sexual e de saúde reprodutiva foi trabalhado já no início do segundo semestre, para servir de alicerce aos conhecimentos relativos à fisiologia e anatomia dos sistemas genitais, ISTs, métodos contraceptivos e gravidez. Além de aulas teóricas foram também realizadas duas oficinas pedagógicas; uma sobre gênero e sexualidade e outra sobre auto-estima, realizadas por alunas do Curso de Biologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O documentário “O Silêncio dos Homens” foi lançado em 2019, pela Netflix, como produção da plataforma Papo de Homem, que produz conteúdo

crítico sobre masculinidade. O documentário é resultado de uma pesquisa que escutou mais de 20.000 pessoas e problematizou o modelo de masculinidade imposto a meninos e homens, que acaba por silenciá-los ao longo da vida, impedindo-os, por exemplo, de expressarem suas emoções, de falar sobre seus medos, de reconhecerem suas vulnerabilidades.

Para iniciar a atividade com a turma, foram feitos alguns questionamentos preliminares: Por que homens são mais vulneráveis a determinadas doenças do que mulheres? Por que homens procuram menos os serviços de saúde do que mulheres? Por que homens jovens morrem mais do que mulheres jovens? Por que homens são as maiores vítimas de violência"? E as repostas iniciais já revelavam os comportamentos tidos como "normais" pelo sexo masculino: "Homens não vão à médico", "homens não se cuidam", "homens tem medo de hospital", "homens são violentos".

A partir dessa introdução, o documentário foi exibido, tendo algumas breves interrupções para suscitar reflexões sobre alguns aspectos importantes abordados. A violência e agressividade masculina é um dos pontos em destaque, onde dados revelam que 95% dos detentos no sistema prisional brasileiro são homens. Outra questão relevante é dificuldade dos homens em expressar sentimentos e emoções, de sofrerem calados para não demonstrar fraqueza e não conseguirem procurar ajuda. Os números apontam que 7 em cada 10 homens não fala sobre seus medos e dúvidas com amigos. Mais preocupante são os dados levantados pelo documentário que apontam que a taxa de suicídio é 4 vezes maior em homens do que em mulheres e que 17% dos homens lida com algum nível de dependência alcoólica. E este modelo de masculinidade nocivo atinge ainda mais negros e indivíduos LGBTQTT.

Ao final do vídeo, os alunos foram estimulados a escrever uma redação de modo a refletir sobre os pontos do filme, no que concordavam ou discordavam e se haviam vivido algo semelhante que quisessem relatar. Alguns alunos não entregaram a redação alegando ser difícil escrever sobre o tema. Porém, os que entregaram em sua totalidade concordavam que os modelos construídos do que é "ser homem" na sociedade trazem muitas repercussões negativas. Alguns alunos refletiram sobre si mesmo, relatando situações em que não corresponderam ao modelo esperado e sofreram com isso. Outros, falaram da dificuldade que sentem em falar sobre seus problemas e a maioria apontou exemplos de comportamentos percebidos em sua família, expressando os efeitos ruins que aquilo trazia, sem necessariamente se colocar na redação.

O trecho a seguir, retirado de uma redação entregue, retrata a percepção de um aluno sobre o efeito do modelo de masculinidade sobre sua própria vida.

Quadro 1: trecho da redação do aluno A

“Bom, o que dizer sobre ‘o que é ser homem?’, falar sobre assuntos referentes ao universo masculino é um pouco complicado - falar sobre sentimentos e humanos é complicado - afinal como visto durante o documentário, o homem precisa ser sempre uma figura forte e dominadora, não podendo demonstrar fraquezas e isso significa não se abrir e muito menos manifestar qualquer tipo de sentimentos, transformando o homem uma figura reprimida. E isso é fruto de uma educação infantil machista, na qual ensina as crianças do sexo masculino a serem fortes e não demonstrarem sentimentos, não podendo chorar, pois ‘homem não chora’, modelo masculino machista. E através de todos esses aspectos é possível explicar do porquê homens vivem competindo, do porquê se aventuram em coisas perigosas e do porque fazem guerras sem sentido, pregando a honra. Após assistir ao documentário ‘O Silêncio dos Homens’, percebi como me identifiquei com algumas dessas cobranças e o quanto todos esses estereótipos podem afetar nossa saúde psicológica e nos tornar pessoas fechadas sentimentalmente. Depois de refletir um pouco, bem pouco, compreendi o quanto me fecho sentimentalmente e emocionalmente - não me recordo da última vez que chorei - e como isso afeta as pessoas ao meu redor e principalmente a mim, que deixo entalado todo o sofrimento que possuo, não consigo me libertar, não me sinto preparado para desabafar, sempre penso no fato que meus amigos não são obrigados a saber das dificuldades que passo e muito menos minha família deve saber o quão difícil está sendo pra mim, devo sempre seguir de cabeça erguida e sorrindo, ser o espelho para meus irmãos, nunca errar e sempre demonstrar liderança.”

Considerações finais

A saúde sexual e a saúde reprodutiva são conceitos que devem ser incorporados aos currículos escolares, acima de tudo, pela sua contribuição para a promoção de saúde entre adolescentes e jovens. Não há como negar que as questões de gênero permeiam as questões de saúde sexual e reprodutiva entre o público mais jovem, onde as desigualdades de poder entre homens e mulheres, acaba por exemplo, expondo as meninas a um maior risco de gravidez não planejada e ISTs, sem contar que recai sobre

as mulheres a responsabilização pela reprodução e pelos cuidados com a saúde da família. De um outro lado, adolescentes e jovens do sexo masculino nem sempre são atendidos quanto às suas necessidades de saúde ou nem mesmo tem conhecimento dos programas voltados para a saúde masculina, que recebem um número bem menor do que o esperado.

A utilização do documentário possibilitou gerar reflexões importantes sobre as masculinidades e seus efeitos sobre a saúde do homem e sobre toda a sociedade, por conseguinte, ao analisamos como estereótipos danosos e distintas formas de discriminação produzem sofrimento e afetam substancialmente a saúde dos indivíduos. A partir dessa motivação gerada pelo documentário, discutimos brevemente sobre a política nacional de atenção integral à saúde do homem (PNAISH), pouco conhecida pela população masculina. Foram apresentados em linhas gerais seus objetivos e diretrizes com o intuito de estimular e encorajar os adolescentes e jovens a fazerem uso dos serviços promovidos por ela, cuja estrutura contempla os seguintes 5 eixos: acesso e acolhimento; saúde sexual e reprodutiva; paternidade e cuidado; doenças prevalentes na população masculina e, prevenção de violências e acidentes. E aproveitando que estávamos no mês de novembro, a atividade avaliativa final da turma foi a produção de folhetos informativos sobre saúde do homem, ressaltando, especialmente, o câncer de próstata, por ser o alvo da campanha conhecida como “novembro azul”.

A utilização do documentário e os desdobramentos gerados a partir dele foi bastante enriquecedor na minha prática docente e acredito que tenha sido também de grande contribuição para os alunos, pelas falas geradas e pelo interesse demonstrado em sala de aula pela maioria deles. Refletir sobre saúde, sexualidade e as masculinidades, considerando a etapa de vida dos alunos e alunas, em que questões ligadas a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual se expressam de forma mais acentuada, sem dúvida, ajudará a sentirem-se mais seguros para atravessar essa etapa sem culpas e com mais responsáveis, compreendendo-se na diversidade de sujeitos de direitos.

Referências bibliográficas

ABREU, D.M.X; CÉSAR, C.C.; FRANÇA, E.B. Diferenciais entre homens e mulheres na mortalidade evitável no Brasil (1983-2005). **Cad. Saúde Pública**. V. 25(12):2672-2682, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens** / Brasília, 2007. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0471_M.pdf. Acesso em 15/12/2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, 2010. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf. Acesso em 15/12/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa de Educação Integral. **Cadernos Pedagógicos: Promoção da Saúde, vol.8**. Brasília, 2013. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/pme/promocao_saude.pdf. Acesso em 15/2/2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria de consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017**. Consolidação das normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde. Brasília, 2017a. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0002_03_10_2017.html. Acesso em 13/2/2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília, 2017b.

BUSS, P. M. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. **Cad. Saúde Pública**. V.15, supl.2, 1999.

MACHADO, M.F.A.S., MONTEIRO, E.M.L.M., QUEIROZ, D.T., VIEIRA, N.F.C., BARROSO, M.G.T. Integralidade, formação de saúde e as propostas do SUS – uma revisão conceitual. **Ciência e Saúde Coletiva**. V 12 (2), 2007.

SEPARAVICH, M.A., CANESQUI, A.M. Saúde do homem e masculinidades na política nacional de atenção à saúde do homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e Sociedade**. V22 (2), 2013.